

## Dois Estados: não há outra solução

*O reconhecimento do Estado da Palestina deve funcionar como pressão internacional e manter viva a solução dos dois Estados.*

Nuno Severiano Teixeira | Público | 29 de Maio de 2024

Entre as barbaridades do Hamas e os sucessivos massacres de Israel, a solução dos dois Estados parece cada vez mais longe. Mas nunca é demais repeti-lo: não há outra solução política, nem outra saída pacífica para o conflito. Deve ser, mesmo, a única coisa no mundo que reúne o consenso internacional. Joe Biden faz dela o eixo da sua política para o conflito no Médio Oriente e repetiu-o várias vezes a Netanyahu. Xi Jinping, Putin e Modi concordam. Na Europa, Macron, Scholz e Sunak defendem o mesmo.

Mas esta unanimidade internacional não tem tradução interna. Desde os primeiros sinais de oposição aos Acordos de Oslo com o assassinio de Yitzak Rabin que se desenham duas tendências contraditórias.

Por um lado, **a solução dos dois Estados** com base na ideia de que a solução para o conflito passaria pela coexistência de um Estado israelita e outro palestino, delimitados pela chamada "Linha Verde", isto é, a fronteira anterior à Guerra dos Seis Dias, de 1967. De então para cá, todas as declarações políticas, iniciativas diplomáticas e planos de paz assentaram neste paradigma.

A situação no terreno ia, porém, em sentido contrário. E desde a morte de Rabin que a construção de muros, a imposição de *check-points* e, sobretudo, a política de expansão de colonatos judeus na Cisjordânia reduziu, significativamente, as condições de concretização de um Estado Palestino. Em 1972, viviam na Cisjordânia 1200 judeus, hoje, vivem mais de 400.000.

Ora, neste contexto surge entre as elites palestinas e israelitas moderadas um segundo paradigma: **a solução do Estado Único**. Um só Estado judeu-árabe, da Jordânia ao Mediterrâneo, que poderia assumir dois modelos políticos diferentes: ou o de uma república laica em que judeus e árabes teriam igual tratamento como cidadãos; ou o de um Estado binacional em que as duas confissões partilhariam o poder no quadro de um sistema institucional consociativo como no Líbano, ou federal como no Iraque.

Mas dizem os estudiosos da questão que, em ambos os casos, um tal paradigma releva de uma perspectiva utópica. Porquê? Porque pressupõe uma condição que, pura e simplesmente, não existe: a reconciliação entre judeus e árabes num espaço político único e partilhado.

E não existe, primeiro, porque nem judeus nem árabes a querem. Ambos os povos estão profundamente ligados ao Estado que consideram expressão política do seu direito à autodeterminação e ligados ao território que pela sua religião consideram

“a terra prometida”. Só que a terra prometida é a mesma para os dois. Segundo, porque a cultura política não é compatível com uma tal solução. A república laica, assente na cidadania individual, dificilmente resistiria à força identitária de identidades colectivas de base religiosa e o estado binacional exigiria uma cultura de compromisso e partilha de poder que não existe entre árabes e judeus.

A opção do Estado Único não é credível e, hoje, no meio da violência extrema da guerra, mais que utópica, parece impossível.

Não há alternativa aos dois Estados. Porque, se houvesse, a terceira seria a pior: a continuação ininterrupta da colonização de Israel sobre os territórios palestinianos, o que significaria a violência sem limites e a guerra sem fim. Com todos os seus defeitos e as suas limitações, a solução dos dois Estados continua a ser a menos má. Mas para haver uma solução de dois Estados é preciso que haja dois Estados. E que sejam, internacionalmente, reconhecidos.

Até agora, 143 dos 193 Estados-membros da ONU reconhecem o Estado da Palestina. Em todo o mundo, só os EUA, o mundo anglo-saxónico e parte dos países europeus, entre os quais Portugal, não o reconhecem. A justificação era a de que o reconhecimento poderia dificultar o processo de paz e inviabilizar a solução dos dois Estados. Até agora fazia sentido, mas deixou de fazer. É que com a política dos colonatos, Israel tinha feito tudo para inviabilizar a solução dos dois Estados, mas nunca o tinha declarado. Agora, Netanyahu disse-o com todas as letras. E isso muda tudo.

É uma mudança política fundamental que deve ter consequências diplomáticas. O reconhecimento deve funcionar como pressão internacional e manter viva a solução dos dois Estados. A Noruega, a Irlanda e a Espanha reconheceram ontem o Estado da Palestina. Outros países europeus se seguirão. Portugal já disse, e bem, que apoia o reconhecimento. Mas que se reserva para “momento oportuno”. Ora, talvez o momento oportuno seja agora. Para a ponderar a mudança e não ficar na cauda da Europa.

<https://www.publico.pt/2024/05/29/opiniao/opiniao/dois-estados-nao-ha-solucao-2092112>